



A representação da mulher na sociedade patriarcal de 1930 no romance As três Marias de Rachel de Queiroz

The representation of women in 1930s patriarchal society in Rachel de Queiroz's novel *As três Marias*

Erica Raquel Detoni¹, Marcos Hidemi de Lima²

RESUMO

O presente trabalho busca fazer a análise literária por meio do percurso narrativo da personagem feminina Maria Augusta, da obra *As três Marias* (2011) de Rachel de Queiroz, com o objetivo de compreender a representação da mulher em um contexto social que ainda pairam resquícios da ordem patriarcal. Tendo isso em vista, para esse estudo, o método de pesquisa utilizado é o bibliográfico que conta, além da revisão do romance mencionado, com o emprego de discussões teóricas presentes sobretudo em *A permanência do círculo* (1987), de Roberto Reis, *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011), de Mary Del Priore, e *A personagem da ficção* (2011) de Antonio Candido. Tais obras contribuíram para a análise da personagem Guta como mulher, nordestina e personagem que resiste às imposições de uma sociedade marcada pela submissão feminina, buscando a independência de maneira singular.

PALAVRAS-CHAVE: Marcas da ordem patriarcal, Maria Augusta, Rachel de Queiroz.

ABSTRACT

The aim of this paper is to carry out a literary analysis of the narrative journey of the female character Maria Augusta in Rachel de Queiroz's novel *As três Marias* (2011), with the aim of understanding the representation of women in a social context where the patriarchal order still prevails. With this in mind, the research method used for this study is bibliographical. In addition to reviewing the aforementioned novel, it uses theoretical discussions, particularly in Roberto Reis's *A permanência do círculo* (1987), Mary Del Priore's *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011) and Antonio Candido's *A personagem da ficção* (2011). These works contributed to the analysis of the character Guta as a woman from the northeast and a character who resists the impositions of a society marked by female submission, seeking independence in a unique way.

KEYWORDS: Marks of the patriarchal order, Maria Augusta, Rachel de Queiroz.

Palavras iniciais

Rachel de Queiroz iniciou-se na literatura em 1930 com a publicação de *O quinze*, quando recebe críticas positivas sobre a obra de estreia. Em 1939 a autora aparece com um romance bem diferente dos que já havia escrito, centrado na criação de personagens mais subjetivas e conflitantes, ambientando a narrativa no espaço urbano. Além de um viés psicológico mais marcado em *As três Marias*, o romance conta com a peculiaridade de uma das personagens, Maria Augusta, ser o retrato da autora, como esta mesmo afirma: "A Guta sou eu." (NERY, 2002, p.108). Subjaz, portanto, à narrativa do romance um tom relevador da situação social da mulher do contexto histórico em que o livro foi produzido.

¹ Bolsista do projeto de iniciação científica. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco, Pato Branco, Paraná, Brasil. E-mail: erica.raqueld16@gmail.com. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4388774700907312>

² Docente no Curso de Licenciatura em Letras Português- Inglês, Departamento Acadêmico de Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco, Pato Branco, Paraná, Brasil. E-mail: marcoshidemidelim@gmail.com. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0230003569520230>.



Com isso, o presente trabalho buscou analisar, por meio da personagem Maria Augusta, as marcas de ordem patriarcal na literatura, que é de extrema importância para o entendimento de questões ligadas à lógica patriarcal que ainda permanecem na sociedade atual.

Fundamentação Teórica

Desde o período do Brasil colônia, o espaço social das mulheres era limitado aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos. Por muito tempo elas foram vítimas de uma sociedade religiosa que pregava que o pudor e a submissão eram atributos para se conseguir um bom casamento. Caso não agissem como o esperado, eram vistas como loucas e imorais, como bem assinala Mary Del Priore em seu livro *Histórias Íntimas: “A mulher tinha que ser naturalmente frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais”* (2011, p. 78).

Foi através da literatura que as escritoras encontraram um meio de denunciar os obstáculos enfrentados pelas mulheres. É nesse ambiente, rodeado de palavras, que Rachel de Queiroz conseguiu dar voz tanto a suas personagens em *As três Marias*, como também às gerações de mulheres que se calaram nas sombras e na opressão estabelecida pelos homens dos anos 1930.

Sob a égide de uma virgem triste em um internato em Fortaleza, o romance *As três Marias* (1939) de Rachel de Queiroz, entrelaça a vida de três jovens, Maria da Glória, Maria José e Maria Augusta. É nesse ambiente de extrema firmeza religiosa que nascem as figuras expressivas, progressistas e destemidas de Rachel, que com sua escrita intimista deixa-se levar pelos ecos da memória.

No colégio, a narradora do romance, Maria Augusta, ou Guta como era chamada, conheceu Maria José e Maria da Glória, tornando-se grandes amigas. Juntas elas formavam um trio inseparável e enfrentavam as dificuldades e os desafios do regime do internato.

Irmã Germana entrou de repente, bateu secamente o sinal:

- Maria José, Maria Augusta, Maria da Glória, por que não fazem silêncio? São inseparáveis! Já notaram, meninas? Essa três vivem juntas, conversando, vadiando, afastadas de todas. São as três Marias! Se ao menos vivessem juntas, como as três do Evangelho, pelo amor de Nosso Senhor! Mas sou capaz de jurar que perdem tempo em dissipação... [...]

A classe achou graça, o apelido ficou. Nós mesmas nos orgulhávamos dele, sentíamos-nos isoladas numa trindade celeste, aristocrática, no meio da plebe de outras (Queiroz, 2022, p.46).

Antes de ser levada à capital, Guta vivia no sertão com o pai, a madrasta e seus meio irmãos. Muito jovem, perdeu a mãe e se viu presa a uma rotina que não correspondia a seus desejos. Assim, a mudança para o internato também representou uma oportunidade de educação e uma nova perspectiva de vida para ela, mesmo que o colégio fosse um lugar bastante rígido.

O colégio era grande como uma cidadela, todo fechado em muros altos. Por dentro, pátios quadrados, varandas brancas entre pitangueiras, numa quietude mourisca de claustro.



De um lado vivíamos nós, as pensionistas, ruidosas, senhoras da casa, estudando com doutores de fora, tocando piano, vestindo uniforme de seda e flanela branca (Queiroz, 2022, p.35).

A narrativa transcorre desde a infância das Marias até suas vidas adultas, revelando um padrão distinto na trajetória da protagonista, Guta. Enquanto Maria José e Maria da Glória seguem caminhos mais tradicionais, Maria Augusta busca independência financeira e a construção de seu próprio destino. Ela se recusa a limitar-se às convenções da época, como os papéis restritivos impostos às mulheres, como o casamento e a conformidade religiosa.

Logo, é perceptível que Rachel de Queiroz aborda em sua obra, especialmente por meio do desenvolvimento de Maria Augusta, a condição destinada à vida feminina que prevalecia na época em que o livro foi escrito. Essa realidade é reafirmada por Afrânio Coutinho:

A temática principal da autora seria a posição da mulher na sociedade moderna, com os seus preconceitos morais e sociais. As figuras femininas, em seus livros, seriam esboçadas com finura psicológica, situadas em posição de reação contra a dependência e a inferioridade da mulher. Os romances contariam histórias da rebelião individual contra o ambiente doméstico e social que fazia da mulher prisioneira de uma tradição arcaica (1970, p. 220).

A partir dessa representação social da mulher injustiçada, mas que busca sua autonomia, constata-se o caráter literário que a autora empregava em suas obras. Visto que, pioneira do “romance de 30”, empregou muitos aspectos do modernismo, especialmente no que diz respeito aos usos linguísticos, além dos recursos narrativos e expressivos, como aponta Guedes (2017). É o que pode ser percebido em outro romance da autora, *O Quinze*, que traz alguns traços da literatura intimista, mas que se torna mais notória em *As três Marias* como acentua Luiz Bueno:

É engraçado, por exemplo, como nos acostumamos a pensar na autora de *O quinze* como uma escritora regionalista levando em conta apenas o seu romance de estreia – e nem este é somente romance regionalista, diga-se. Embora sempre tocando em temas que poderiam ser chamados de sociais, seus romances seguintes são mais psicológicos do que qualquer outra coisa, a ponto de um crítico que procurou estudar regionalismo como tendência geral das letras brasileiras afirmar [que] “a conclusão a que se pode facilmente chegar é que qualquer rótulo generalizante aplicado à ficção de Rachel de Queiroz, do tipo ‘romancista regionalista’ ou mesmo ‘romancista social’ constitui um simplismo e uma inexatidão” (2004, p. 19).

Ademais, é em *As três Marias* que se constata o amadurecimento literário de Rachel de Queiroz, tanto que a obra é considerada um de seus melhores romances da ficção produzida na década de 1930. É a partir de Maria Augusta que a autora materializa aspectos que eram existentes na época em que o livro foi escrito conforme bem teoriza Antonio Candido:

[...] esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras (2011, p. 69).



Cabe também trazer a discussão utilizada por Roberto Reis, no ensaio *A permanência do círculo* (1987) para o entendimento das questões hierárquicas e patriarcais na obra abordada:

No centro ou núcleo está a figura do senhor e patriarca, junto com os que habitam a casa grande. Na nebulosa ou periferia, a bem dizer, todos os restantes. Precisando mais: na nebulosa circulam o índio, o sertanejo, o gaúcho e o negro. Ou seja: nela alinhará categorias étnicas (o negro e o índio) e sociais (o jagunço, o sertanejo e o gaúcho), aglutináveis na medida em que não figuram no núcleo, sendo subjugados na base de uma relação de dominação, hierárquica. Efetivamente os figurantes do núcleo senhorial exercem domínio sobre os da nebulosa (1987, p. 32).

Ao utilizar as terminologias núcleo e nebulosa, o autor configura na compreensão da posição de Maria Augusta, que longe de estar no núcleo, dispõe da representação de personagem periférica no romance.

Ainda nessa perspectiva, para Candido (1965), em sua obra *Literatura e sociedade*, sempre há uma relação entre obra de arte e vida social, nessa abordagem, o crítico diz que os “fatores internos” e os “fatores externos” se combinam, pois o elemento externo ao se internalizar à obra literária, é estetizado, como apontam Stieven e Aquino (2022).

Assim, Rachel de Queiroz, ao construir uma personagem que busca sua autonomia no contexto do sertão nordestino vigente, estrutura as questões trazidas por Candido:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (2014, p. 13-14).

Por último, cabe ressaltar que, mesmo que o romance trace novas perspectivas para sua protagonista, a figura masculina ainda ocupa espaço dentro de sua trajetória. Maria Augusta, que foge dos padrões esperados das mulheres na década de 1930, envolve-se em dois romances fracassados que resultam em infelicidade para ela, levando-a a voltar a viver no sertão com o pai e a madrastra.

O que infelizmente nos faz pensar se por acaso a representação de Maria Augusta como sendo das três amigas a que acabou de fato infeliz, se por acaso não seria a representação das mulheres da época que desejaram para suas vidas adultas o mesmo que ela, e que assim como ela podem não ter obtido sucesso pela resistência da sociedade em permitir que as mulheres tivessem sua liberdade financeira e que não fossem obrigadas a se casarem por motivos sociais e sim porque realmente desejavam seus parceiros profundamente (Silva; Silva, 2020, p. 145-146).

Por fim, diante do que foi exposto, é possível concluir que a personagem Maria Augusta é apresentada como uma mulher que busca por meio do distanciamento das condutas sociais exigidas pelos padrões da época, a independência e autonomia. Assim, o romance de Rachel de Queiroz constrói uma protagonista que representa o retrato social



da época em que o romance foi escrito, a condição da mulher e a busca pela voz que resistisse as marcas enraizadas do patriarcalismo.

Metodologia

Com o intuito de analisar as marcas de ordem patriarcal no romance *As três Marias* (1939), foi estabelecida como metodologia a pesquisa bibliográfica.

O método de pesquisa bibliográfica, que está relacionado à leitura, trata de um caminho já percorrido por outros autores. Tal metodologia, conforme Mazucato define: “Vincula-se à leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, manuscritos, relatórios, teses, monografias, etc. (ou seja, na maioria das vezes, dos produtos que condensam a confecção do trabalho científico)” (2018, p.66).

Logo, a revisão do romance *As três Marias* e as teorizações propostas, entre outros, por Antonio Candido, Mary Del Priore, Roberto Reis, visam também estabelecer um paralelo entre as marcas patriarcais e a representação feminina na sociedade.

Palavras finais

Durante os meses de estudo e pesquisa foi-se moldando o caminho a ser percorrido durante o trabalho de iniciação científica. Com os resultados finais nota-se a importância da investigação como fonte de aprimoramento educacional. Ademais, é de suma importância que os conhecimentos acadêmicos adquiridos sejam transferidos para o âmbito social, por meio da produção de artigos e periódicos a fim de promover o desenvolvimento da pesquisa, da cultura e da educação.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a UTFPR por essa bolsa de iniciação científica. Agradeço também ao professor Dr. Marcos Hidemi de Lima pela orientação e os ensinamentos nesses meses de pesquisa, ao meu namorado e aos meus pais por acreditarem em mim.

Conflito de interesse

Não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

BUENO, Luiz. Nação, nações: os modernistas e a geração de 30. *Via Atlântica*, n. 7, p. 83-97, out. 2004.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem da ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COUTINHO, Afrânio. Rachel de Queiroz. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). **A literatura no Brasil: era modernista**. Rio de Janeiro: 1970. p. 220.



SILVA, Antônio Edson Alves, SILVA, Leia Rodrigues Representações de Maria Augusta em As Três Marias, de Rachel de Queiroz: uma proposta de análise. **Valittera-revista literária dos acadêmicos de letras**, v. 1, n. 2, p. 138-149, 2020.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

MAZUCATO, T. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018. Disponível em: <http://funepe.edu.br/arquivos/publicacoes/metodologia-pesquisa-trabalho-cientifico.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2023.

NERY, Hermes Rodrigues. **Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz**. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC, 2002.

QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**, 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

REIS, Roberto. **A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro**. Editora Universitária: EDUFF. Niterói. 1987.